

A “INSURGÊNCIA” DO DEBATE SOBRE PERSPECTIVAS “OUTRAS” DE EDUCAÇÃO

Ediléia Carvalho

Equipe Novamerica

GECEC - 2014

É inegável o caráter emergente do tema da educação e suas perspectivas homogeneizadoras no cenário educacional brasileiro. Desse contexto de reflexão também emerge o debate acerca das distintas alternativas que tendem a interrogar o modelo educativo dominante. São formas “Outras” de conceber os diferentes processos educativos e caminhos que podem ser construídos na contramão de uma perspectiva monocultural, homogeneizante e excludente de educação. O propósito é ter a construção de uma escola que seja capaz de dar respostas relevantes às questões da contemporaneidade e dos desafios que dela e com ela surgem. Para tanto, reconhecemos ser fundamental refletirmos sobre a lógica de educação predominante e suas muitas contradições no que concerne a concepção de qualidade atrelada às discussões que se dão em torno desta.

No cenário educacional atual, o tema da “qualidade” está mais do que nunca em alta, seja como meta nos programas governamentais e/ou enfatizada no âmbito das políticas educacionais, seja reproduzida nos discursos políticos e/ou nas próprias ações pedagógicas das escolas. Há de se problematizar primeiramente a própria concepção de qualidade privilegiada nos diferentes âmbitos e também o sentido de disputa decorrente dos muitos interesses em jogo, da leitura e da apropriação dos diferentes atores. Sobretudo, há de se pensar a própria repercussão e os efeitos do conceito de qualidade imposto à escola sob a forma de avaliações de diferentes ordens e sentidos.

Esta noção de qualidade está atravessada por uma lógica de educação atrelada a uma perspectiva regulatória, quantificadora, que padroniza e descontextualiza. Foge ao caráter processual que entendemos por avaliação, desconsiderando assim os diferentes contextos sociopolíticos em que as escolas se encontram inseridas e os diferentes sujeitos que transitam pelo espaço escolar. E, reproduz um sistema excludente que invisibiliza as diferenças. São escolas cada vez mais distantes do universo simbólico dos educandos (CANDAU, 2008).

Para ilustrar a afirmação acima, tomemos como exemplo uma propaganda produzida pela Prefeitura do Rio de Janeiro e publicada no Jornal O Globo, no dia 07 de dezembro de 2014. É uma imagem que retrata alunos sentados em carteiras escolares, sobre uma esteira rolante, com a legenda: “*Nossa linha de produção é simples.*” Esta mensagem contradiz ao que entendemos por

qualidade, mostra-se retrógrada e confirma a lógica na qual a escola se encontra fundamentada, ou seja, a educação como fábrica.

É a eterna pretensão de uniformizar o processo pedagógico, desrespeitando e invisibilizando as diferenças existentes no chão da escola, bem como as especificidades dos diferentes contextos sociais em que está inserida. É a escola compreendida como prédio, salas, programas, horários, conceitos... São projetos pensados e elaborados de cima para baixo, engessado, longe de ser pensado e concebido como algo voltado para a transformação de realidades. A concepção destoa totalmente do que afirma Paulo Freire (1981): “escola é, sobretudo, feita de gente [...]. Um espaço de relações.”

Em oposição a essa lógica ancorada numa perspectiva hegemônica, diferentes atores sociais e políticos têm vivenciado experiências “Outras” de educação buscando, paulatinamente, construir processos educativos contra-hegemônicos e tendo como referências outras lógicas de projeto político educacional.

Podemos lembrar a luta dos povos tradicionais e coletivos do campo por uma educação escolar culturalmente referenciada, assim como os povos indígenas, quilombolas, caiçaras entre outros. Essa luta retrata a indignação desses sujeitos e a resistência a esse modelo educacional branco, homogêneo e ocidental. Para esses grupos, a luta pela terra é matriz formadora e exige reconhecimento no pensamento educacional. O território possui e produz sua própria pedagogia, seus saberes e conhecimentos, via de regra invisibilizados e concebidos como inexistente, tal como explicita Santos (2010). Esta perspectiva tende a tencionar a educação escolar à medida que esses sujeitos interrogam a escola com suas especificidades e cultura. Exigem reconhecimentos, constroem seus autorreconhecimentos, pressionam o Estado por outro projeto de educação, de sociedade (ARROYO, 2012).

Essas experiências chamam a atenção para a dimensão educativa dos movimentos sociais. A perspectiva defendida por esses atores revela dimensões abarcadas pela formação política, bem como os aspectos que trazem para a teoria pedagógica e para o fazer educativo tanto nas propostas de educação formal quanto informal.

Na interface com o exemplo citado e caminhando rumo a um horizonte de desconstrução e desnaturalização do sistema educacional vigente, defendemos como perspectiva “Outra” a interculturalidade crítica, como um ato pedagógico político de educação que procura denunciar a dominação e anunciar outros caminhos, visando a intervir na reconstrução das estruturas e sistemas de poder presentes em nossa sociedade (WALSH, 2012).

Portanto, mais do que um simples conceito de interrelação, a educação, nesta perspectiva, significa reconhecer processos de construção de “conhecimentos outros”, de “prática política outra”, de um “poder social outro” e de uma “sociedade outra” (WALSH, 2012, p. 54).

Em suma, compreendemos e defendemos que as propostas educativas que nascem de um pensamento “Outro” sobre a educação tendem a desafiar a escola e a interrogar a lógica na qual esta é pensada e gerida. Reforçam, sobretudo, a importância de uma educação política para a transformação de realidades e para a emancipação. Denotam a necessidade da descolonização do sistema escolar.

Porque a escola não é uma fábrica com linhas de produções, é lugar de pessoas!

Referências Bibliográficas:

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura (s):** questões e propostas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **História da África e dos africanos na escola:** As perspectivas para a formação dos professores de história quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica - PUC-RIO, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y (de) colonialidad: Ensayos desde Abya Yala**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2012.